3ª Série do Ensino Médio

PORTUGUÊS

Professores Carlos Gomes e Rodolpho Motta

O QUADRO NEGRO

O Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, associado à Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo, edita um periódico, o *Braudel Papers*. Não sei por que o papers, em inglês, já que Braudel era francês, mas vá lá. O fato é que a publicação merece ser lida. No seu último número, apresenta uma aluna pobre, de uma escola da periferia de São Paulo, em Capão Redondo, um desses lugares miseráveis e violentos, onde o poder público chega apenas marginalmente, abandonando e oprimindo, e onde a maioria dos jovens tem como *causa mortis* um assassinato.

Sandra tem 17 anos e é desses diamantes brutos que o Brasil insiste em produzir, contra todas as condições, e que em sua maioria jamais serão lapidados e se perderão cedo na vida, devido à cruel falta de oportunidade. Sandra teve sorte, foi convidada a trabalhar no Instituto Braudel. Trabalha de dia e estuda à noite, como centena de milhares de jovens em todo o Brasil. A escola de Sandra é típica escola de periferia da cidade mais rica do Brasil, São Paulo.

Ela foi convidada pelo Instituto a fazer um diário de seu ano escolar. O relato é devastador. Realidade em prosa de algo que os governos enxergam apenas em números. Para as estatísticas, Sandra faz parte das 96% das crianças brasileiras que estão na escola. Para Sandra, a escola é um lugar que fica a anos-luz do que se poderia esperar de uma instituição de ensino. Apesar de tudo, mesmo no inferno, há quem tente melhorar, há quem busque o conhecimento, mesmo em meio a tanto abandono e desfavorecimento. Seu diário mereceria publicação em livro. É a visão pungente, sem retoques, de como o Brasil trata a maioria de seus filhos.

Mostrarei apenas o primeiro dia do diário, que em si já é uma crônica escrita com estilo enxuto, objetivo, sem adjetivos, que orgulharia a maioria dos jornalistas que conheço (e que não conheço também). Quem quiser maiores detalhes, entre em contato com o Instituto pelo e-mail *ifbe@braudel.org.br* ou pelo telefone (011)3842-9633.

Eis o texto:

"Quarta-feira, 14 de fevereiro

As aulas começaram há seis dias, só que até agora nenhuma matéria foi dada.

Como o horário das aulas ainda não foi definido, os alunos ficam nos corredores, até às 19h20, querendo saber para que salas irão. Outros preferem ficar do lado de fora da escola, escutando o som que vem de um carro estacionado. Na sala de português não há iluminação suficiente e há goteiras nos corredores. Quando as aulas começam, os alunos reclamam muito quando os professores usam a lousa.

Por enquanto, ainda estão fazendo simplesmente revisão. A professora de português, Marina, passou um texto sobre narração que encheu a lousa. Depois da primeira aula resolvi sentar na parte do fundo.

Dois alunos sentados atrás de mim conversavam sobre armas:

- Seu pai ainda tá com aquele calibre 12?
- Tá sim, quer comprar?
- Quanto ele quer?
- R$ 1.500.
- Você tá louco! E aquela arma da polícia, que atira bolinha de borracha, que eu não sei o nome, quanto ele quer?
- R$ 350.

No início da conversa, pensei que fosse brincadeira. Sendo eu nova na sala, talvez quisessem me impressionar. Não tenho certeza. Quando a professora de química disse que não ia deixar sair da sala para fumar, os meninos disseram: "Aqui ninguém fuma, só cheira!" . Quando o sinal bateu para a última aula fui até o orelhão que instalaram na escola. Alguém já tinha quebrado. Às 22h fui embora. Não tinha luz na rua."

(Fritz Utzeri , no Jornal do Brasil de 24/04/02)

01 Na crônica aqui transcrita, pretende, basicamente, o seu autor:

(A) mostrar a perseverança da jovem Sandra como exemplo a ser seguido pelos socialmente excluídos.
(B) denunciar a situação de descalabro por que passa o sistema educacional do país.
(C) revelar, com exemplos retirados do dia-a-dia, a crescente atração de nossa juventude pelo mundo das drogas.
(D) somar-se às muitas vozes que hoje criticam o extremo grau de violência a que chegou a nossa sociedade.
(E) destacar a qualidade do texto da estudante Sandra, em contraste com a situação social da aluna.

02 Assinale o comentário equivocado a respeito de passagem extraída do texto:

(A) "Não sei por que o papers, em inglês, já que Braudel era francês, mas vá lá."
(A expressão "vá lá" é conotativa de condescendência, aceitação de algo sem uma justificativa lógica.)
(B) "... onde o poder público chega apenas marginalmente, abandonando e oprimindo..."
(Os dois verbos no gerúndio constroem, em conjunto, uma certa contradição, já que "abandonar" pressupõe uma ausência de ação que "oprimir" não confirma.)
(C) "... onde a maioria dos jovens tem como *causa mortis* um assassinato."
(A passagem se reporta ao grau de violência a que chegaram os jovens, que se tornam assassinos já na adolescência.)
(D) "... Sandra tem 17 anos e é desses diamantes brutos (...) que em sua maioria jamais serão lapidados..."
(Verifica-se, na passagem, uma construção metafórica: a jovem tem potencial que não terá oportunidade de ver explorado.)
(E) "Como o horário das aulas ainda não foi definido, os alunos ficam nos corredores, até às 19h20..."
(Entre as duas orações acima, verifica-se uma relação semântica de causa e efeito.)

03 Ao elogiar o estilo da estudante, o autor da crônica vincula-o a algo que traria orgulho aos jornalistas. Objetivo, despido de adjetivos, tal estilo é um bom exemplo da função de linguagem:

(A) referencial.
(B) fática.
(C) metalingüística.
(D) emotiva.
(E) apelativa.

04 Sobre o comentário que motivou a questão anterior e a forma de expor o assunto do próprio cronista, podemos afirmar que:

(A) também ele apresenta um texto despido de adjetivação expressiva.
(B) como bom jornalista, ele procura nitidamente isentar-se de expressões de cunho opinativo.
(C) expressões como "cruel falta de oportunidade" e "O relato é devastador." revelam um posicionamento crítico subjetivo por parte do autor.
(D) na realidade, ele está ironizando a forma de expressão da jovem, dada a sua pouca instrução.
(E) Ele, em realidade, critica o estilo de todos os seus colegas de profissão, que não conseguem atingir o padrão da estudante.

05 A Gramática, tradicionalmente, apresenta como casos de indeterminação do sujeito construções com o verbo na terceira

pessoa do plural ou na terceira do singular (neste caso, com o pronome indeterminador se). No texto, porém, verificamos passagem, no "diário de Sandra", em que se pode surpreender a existência desse tipo de sujeito, com outra construção. Assinale-a:

(A) "Outros preferem ficar do lado de fora da escola..."
(B) "Sendo eu nova na sala, talvez quisessem me impressionar."
(C) "... a professora de química disse que não ia deixar sair da sala para fumar..."
(D) "Alguém já tinha quebrado."
(E) "Não tinha luz na rua."

06 Em dado momento, o autor faz considerações sobre o valor dos dados estatísticos, aplicados ao caso que coloca em questão. Podemos inferir que, para o cronista, tais dados:

(A) não são verdadeiros.
(B) merecem crédito absoluto.
(C) retificam a visão negativa do autor sobre a educação no Brasil.
(D) ratificam a visão que a estudante Sandra tem da escola brasileira.
(E) embora verdadeiros, escondem parte da realidade.

07 Assinale o item em que não se grifou palavra de mesmo valor sintático das demais, no texto:

(A) "O Instituto Fernand (...) edita um **periódico**..."
(B) "No seu último número, apresenta uma **aluna** pobre..."
(C) "... a maioria dos jovens tem como *causa mortis* um **assassinato**."
(D) "Mostrarei apenas **o primeiro dia do diário**..."
(E) "Para Sandra, a escola é um **lugar**..."

08 Aponte a opção em que se faz um indevido comentário de ordem sintática sobre passagem do texto:

(A) "... foi convidada a trabalhar no Instituto Braudel." — Na voz ativa seria: "...convidaram-na a trabalhar no Instituto Braudel."
(B) "... a maioria dos jovens tem como *causa mortis* um assassinato." — Trata-se de um predicado verbo-nominal.
(C) "... há quem tente melhorar..." – Passagem com duas orações, sendo a segunda sujeito da primeira.
(D) "As aulas começaram há seis dias...", "... e há goteiras nos corredores". — Nas duas passagens, existem orações sem sujeito, com o verbo haver apresentando valores semânticos distintos.
(E) "E aquela arma da polícia, que atira bolinha de borracha, que eu não sei o nome..." — A oração grifada está construída em desacordo com a norma culta. A construção correta seria: "cujo nome eu não sei".

09 Adjuntos adverbiais, é sabido, traduzem as chamadas circunstâncias dentro das orações. A propósito, aponte o item em que se indica erradamente uma dessas circunstâncias:

(A) "Trabalha de dia..." — Tempo.
(B) "Apesar de tudo." — Concessão.
(C) "... o som que vem de um carro estacionado." — Causa.
(D) "... sentados atrás de mim conversavam sobre armas." — Assunto.
(E) "Às 22h fui embora." — Tempo.

10 Orações subordinadas substantivas nada mais são que termos de natureza substantiva "sob a forma de oração". Assinale, dentre as abaixo, a que se encontra mal classificada:

(A) "É a visão pungente, sem retoques, de como o Brasil trata a maioria de seus filhos." (Oração Completiva Nominal)
(B) "Quem quiser maiores detalhes, entre em contato com..." (Oração Subjetiva)
(C) "... querendo saber para que salas irão." (Oração Objetiva Indireta)
(D) "No início da conversa pensei que fosse brincadeira." (Oração Objetiva Direta)
(E) "... a professora de química disse que não ia deixar..." (Oração Objetiva Direta)